

“EU QUERIA ESTÁ NA ESCOLA, QUERIA ESTÁ ALI”: A ARTE DE NARRAR VIVÊNCIAS EDUCATIVAS

Alianna Batista da Silva; Jéssica Salvino Mendes

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

alianna_silva11@hotmail.com; jessicasalvinom@gmail.com

Resumo

A temática deste trabalho busca dar visibilidade as memórias docentes de mulheres que através de suas subjetividades passamos a conhecer histórias de vidas em que se entrelaçam vida pessoal e profissional. Temos como objetivo principal, analisar as vivências escolares das professoras de Campina Grande- PB, tecidas por meio de suas histórias de vidas que são construídas através de narrativas em que suas memórias contam suas sensações na infância e na adolescência no espaço da sala de aula, tendo em vista o recorte temporal dos anos 90. A partir das contribuições de Nora (1993), Certeau (2008), Foucault (2012), entre outros. As narrativas sobre memória e história docente são contadas através da participação de duas professoras de História do ensino básico, da rede pública campinense, que se dispuseram a narrar seus caminhos trilhados nos espaços da sala de aula em que tiveram a oportunidade de atuar durante cerca de 25 anos.

Palavras- chave: Memória, docência, mulheres.

Introdução

Nas últimas décadas do século XX, o país passou por algumas alterações demográficas, culturais e sociais que influenciaram positivamente o aumento do trabalho feminino, alterando também o crescimento de famílias chefiadas por mulheres. Bruschini (2007) afirma que:

“No ensino superior, elas ampliaram significativamente sua presença na década analisada, superando os homens, a ponto de, no ano de 2005, a parcela feminina entre os formados ter atingido 62%, como revelam dados do Censo do Ensino Superior, realizado pelo Ministério da Educação. Contudo, as escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente “femininas”, como educação (81% de mulheres)”. (Bruschini, 2007, p. 547)

Deste modo, as brasileiras passam a ter cada vez mais acesso à educação e principalmente aos cursos superiores, passando a ser superior que o número de homens, impactando sobre o maior número de ingressos das mulheres no mercado de trabalho, tendo como principal área de atuação a educação.

Neste trabalho que se segue, temos como objetivo principal analisar as vivências escolares de professoras do ensino básico de História, da rede pública da cidade de Campina Grande- PB, tecidas por meio de suas histórias de vidas que são construídas através de narrativas em que suas memórias contam suas sensações na infância e na adolescência no espaço da sala de aula, tendo em vista nos anos 90 os primeiros anos do início da profissão docente para as professoras entrevistadas, marcando tessituras de motivações e saberes, e de momentos amados e temidos na experiência docente.

Ao ir de encontro de narrativas de memória docente as atenções se tornam especiais para as falas que procuram palavras ao reviver lembranças que vão aos poucos ganhando formas ao serem despertadas nos silêncios da memória. Quando se trata de narrativas de memória docente de mulheres é perceptível como cada trecho pertencem a simples narrativas em que as emoções é chegada antes que as palavras, e assim as simples expressões vão ganhando movimentos ao serem ditas e revividas, é como está diante do passado que em cada cotidiano é renovado.

Enquanto protagonistas do cotidiano de salas de aulas diversas, as professoras por meio da fala de si, se reconstroem, através de lembranças de suas práticas docentes que lhe auto definem como personagens sociais de um tempo vivido. É o “eu” de cada história de vida que vai ganhando descrições de décadas de sabores e prazeres, dores e odores que foram trilhados nestes “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia e está ligada a este momento particular de nossa história” (Nora, 1993, p.07) que marcaram a construção de experiências e atuações.

Metodologia

Frutos de um desejo em comum, as memórias docentes são tecidas através de relatos que vão ganhando efeitos ao olharem para esse passado vivido, ao verem como se deu a construção de um caminho de mais de 25 nos de experiência docente que são envolvidos por meio de uma história de vida de tramas social e emocional.

É através das lembranças dos tempos de infância que podemos olhar para a escola como principal símbolo de representatividade na função da construção da identidade das professoras entrevistadas, que quando começam a tecer um perfil de profissional docente testemunham as sensações e sentimentos que foram vivenciados em momentos passados.

As narrativas sobre memória e história docente são contadas através da participação de duas professoras de História do ensino básico, da rede pública campinense, que se dispuseram a narrar suas sensações e sentimentos trilhados nos espaços da sala de aula em que puderam atuar durante cerca de 25 anos e que atualmente caminha em direção ao momento profissional de aposento, mas as lembranças que lhe auto definem como pessoas que são, podem ser analisadas por meio de suas práticas docentes.

Maria da Guia nasceu em 1961, natural da cidade de Campina Grande, cursou licenciatura em Estudos Sociais na antiga Faculdade Regional do Nordeste (FURNE) e possui Especialização em História, passando a concluir seus estudos entre os anos de 1987- 1989. Começou a ensinar na década de 1990, a primeira escola de atuação foi na cidade de Areias, na Escola Estadual Carlota Barreira, onde teve a oportunidade de trabalhar durante 1 ano letivo, depois passou a atuar na Escola Estadual Sólon de Lucena, na Cidade de Campina Grande, em que se registra 24 anos de aulas letivas administradas.

Filha de pai marchante, natural da cidade de João Pessoa, Maria das Graças, nasceu em 1956, fez graduação em Estudos Sociais, depois cursou especialização em Licenciatura Plena em História, na Faculdade Regional do Nordeste (FURNE) no ano de 1977. Sempre estudante da escola pública, teve uma trajetória estudantil marcada por fortes lembranças do modelo educacional de uma época em que o contexto histórico estava sendo marcado pela Ditadura Militar no Brasil.

Resultados e Discussão

O espaço escolar é por si só um lugar de ricas lembranças, pelo fato de esta diretamente atrelado a experiência do aprendizado e do conhecimento. Entretanto, para algumas pessoas esse espaço deixa de ser um lugar comum de experiências momentâneas e se torna um lugar de vivências e experiências profissionais, sociais e sentimental, pois é onde as histórias de vidas docentes se fazem presentes.

Nas memórias de histórias de vida docente prazerosamente começam neste lugar comum, que em não muito demorar se torna um lugar próprio, que é a escola. A escola e precisamente a sala de aula revelam a personalidade dessas professoras que dedicaram anos na carreira profissional. Deste modo, se tornando um lugar onde os corpos falam por si, revelando uma personalidade própria: “Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um

certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem” (CERTEAU, 2008, p. 204), assim compondo um “relato de vida”.

As professoras como agentes responsáveis em transmitir o valioso conhecimento. Estes estão ali, geralmente em pé, observando de um lado ao outros seus alunos, falando em um tom de voz moderado para que todos seus ouvintes lhe ouçam, se fazendo protagonistas ao atuarem nos movimentos da docência, ao ganharem cotidianamente outras facetas.

Na escola e nos espaços das salas de aula é que a professora Maria da Guia e a professora Maria das Graças relatam que tiveram suas memórias de experiências a partir desses lugares, buscando reviver a construção do tempo passado que sua percepções podem lhe proporcionar enquanto aluna desde os tempos de infância, seguindo pela adolescência, até chegar no olhar de docente de História. Em suas memórias iniciais sobre a escola quando criança, a professora Maria da Guia relata:

Ah! Muito muito linda, primeiro naquela época os meus pai tinham assim uma condição financeira boa e eu sempre assim tinha toda vida eu gostei muito, gostava muito de estudar, era até incrível por que a maioria das crianças assim, na parte de estudar, não dava trabalho não, eu ia doente, às vezes eu ia doente e não dizia a minha mãe, porque eu queria está na escola, queria está ali, ali era um lazer. [...] Eu sempre sentava na frente, por meu pai ter uma certa influência na cidade ai sempre eu era como se fosse assim, uma monitora. A professora saia e deixava Guia pequena, mesmo assim na fase de 7 anos, 6 anos 7 anos, “fica aqui Guia tomando de conta dessa turmazinha que eu vou ali resolver um negócio” [...]. (Maria da Guia, 2016)

A professora Maria da Guia quando era criança teve o prazer de vivenciar bons momentos na sala de aula e com seus professores, através de sua fala podemos perceber o quão pertencente ela se sentia em participar, e em ir para a escola. Entretanto, durante a sua fase de criança na escola, a professora Maria das Graças teve a oportunidade de vivenciar outra realidade, segundo a mesma aponta:

Primeiro tinha a palmatoria, ne? me lembro que muitas vezes fiquei de castigo, por que eu não sei matemática até hoje por que eu apanhei muito, se eu não tivesse apanhado tanto a palmatoria e fiquei de castigo, por eu não sei exatas, por que minha praia é humanas. As professoras do primário não entendia, ai dizia “vira a mão”, ah, eu já ia com as mãos assim (em posição para apanhar), a tabuada, vichi, que dificuldade, então eu aprendi a tabuada decorando, a professora de História do primário também me bateu muito. (Maria das Graças, 2016)

Nas lembranças da professora Maria das Graças, quando era criança ela recorda com clareza as frequentes punições, que eram cometidas através de palmadas em suas mãos, que

segundo suas narrativas faziam parte da metodologia de práticas educativas exercidas por suas professoras para o aprendizado do conteúdo abordado.

Este período que as professoras tiveram a oportunidade de estudar foi um período em que a Ditadura Militar estava no auge e castigar batendo-lhe nas mãos era um dos métodos disciplinares que buscava corrigir os alunos no seu aprendizado. Errar e não decorar era proibido, e enquanto o aluno não decorasse de fato para responder as perguntas da professora e não errar, era punido com quantas palmatórias¹ fosse preciso até “aprender”. Diferentemente da professora Maria das Graças, a professora Maria da Guia não narra diretamente suas experiências neste contexto acredito que a mesma passou a ir para a escola no fim dos anos 60, momento este que o método da palmatoria estava sendo analisado como violência infantil, e se distanciando do espaço escolar².

A professora Maria da Guia narra através de suas observações quando criança a representação da professora que foi o seu referencial para escolha de sua profissão, pois foi no seu olhar de criança que seus sonhos ganharam vivências e experiências do espaço da sala de aula:

[...] O que eu via na infância da imagem de professora, era uma imagem linda por que elas me cativavam então quando eu era pequeninha que eu ia para escola eu achava tão bonito as professoras conversando eu achava bonito, eu dizia assim eu vou ser, eu vou ensinar eu vou passar algo que eu sei para alguém[...]. (Maria da Guia, 2016)

A professora Maria das Graças em sua memória de infância lembra com grande carinho de sua professora Elizete:

[..] Eu só tive uma professora na minha 4º série, Elizete. Ela abriu um concurso para a gente falar sobre Tiradentes, e eu ganhei esse prêmio. Fui para Radio Tabajara mostrar a vida de Tiradentes e mostrei a vida desmistificando, mostrei Tiradentes como um herói que foi esquartejado, mostrei que ele era filhinho de latifundiário, sim, eu 4º série. Aí, essa minha professora me deu o caminho para eu fazer a construção do meu conhecimento, então é a única professora do primário que eu guardo a memória, é essa professora, que ela fez assim, “está sendo aberto um concurso pela rádio tabajara, vai ser uma medalha”, aí “a medalha é de ouro professora?”, “não é dourada”, “por que eu não gosto de mentira”, “é uma medalha dourada aí a gente diz que é de ouro, honra ao mérito, se inscreva”.

¹ Palmatória seria uma espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão.

² O método disciplinar da palmatoria era comum nas escolas de educação primária entre os anos 40 e 50. Na década de 60 foi perdendo suas referências por causa dos altos índices de violências infantis. Entretanto, em muitas escolas esse método sofreu algumas resistências, ainda existindo nos fins dos anos 60 em algumas poucas escolas.

Então essa professora me deu livros, [...] então a única professora que me incentivou foi essa. (Maria das Graças, 2016)

Ao lembrar de suas professoras do primário é interessante compreender como estas professoras são lembradas com grande entusiasmo ao serem as professoras que buscavam incentivar direta ou indiretamente, ao ser aquela que mostrava uma outra visão de prática educativa, deste modo, demonstrando o outro lado do aprender e saber fazer.

São através destas falas que os sentimentos são registrados por uma infância que as doçuras e travessuras eram vivenciadas por meio dos espaços das salas de aula. É um tempo em que narrado assemelha-se ao trabalho de um pintor de telas, que em cada quadro branco dar formas, desenhos e cores, proporcionando a arte do fazer acontecer.

A escola por si só tem o prazer de proporcionar motivações para o alunato, estão nos simples acontecimentos diários das práticas entre docentes e alunos que contribuem para ir, estar e participar da escola, e principalmente do fazer acontecer das ações que acontecem na sala de aula. São portanto as imagens que se fazem registrar a representatividade que o conjunto escola, sala de aula e professoras tem o prazer de compartilharem em comum.

Nesses movimentos de práticas do caminhar na construção de imagens que a memória nos permite, em uma simples curva a professora Maria da Guia relembra de suas motivações em ir para escola, quando era aluna na sua fase de adolescência:

Ah, eu acho que era a escola em si, por que isso sim cativa muito, quando eu estudava aqui (Escola Estadual Sólon de Lucena) eu já estava na faixa de 10/11/12 anos então eu gostava demais porque existia disciplina e as vezes a disciplina é dura mas ela tem um retorno de lutar. [...] Era muito severo aqui, quando a gente entrava, entrava de fila e todos os dias tinha que cantar o hino nacional, por sinal eu levei até um puxavanque de cabelo da diretora por que eu estava na fila e minha amiga bateu no meu braço e eu fiz assim, (olhou para trás) então ela puxou meu cabelo então era disciplina mesmo, era organizado o aluno que bagunçava tinha punição mesmo então o objetivo era estudar. (Maria da Guia, 2016)

Assim como a professora Maria da Guia, a professora Maria das Graças também estudou neste período em que a disciplina era bastante atuante na escola e principalmente na sala de aula. Quando a indagamos sobre suas lembranças enquanto aluna nas suas memórias a professora Maria das Graças tem como principal eixo norteador o momento repressivo em que estudou no período de sua adolescência:

Só memórias boas. Por que eu estudei numa época que era a Ditadura Militar. Meu pai ele tinha um grande poder aquisitivo por que ele era marchante, mas aí todas as minhas irmãs, sempre estudaram nas Lourdinhas (escola particular) e eu sempre irreverente e rebelde [...]. A professora dava

uma aula narrativa e ao redor do birô da professora, da mesa, que a gente chama hoje de mesa, era birô, ai tinha uma corrente, aluno nenhum poderia ultrapassar aquela corrente, e eu fui punida várias vezes, por que eu dizia “pois eu vou pular”, a professora dizia “não pula”, ai eu disse “pois eu pulo”. [...]. (Maria das Graças, 2016)

Esses momentos narrados pela professora Maria das Graças faz referência as suas recordações enquanto adolescente. Através de sua fala observamos que foram momentos marcados pelo modelo disciplinar que era imposto pela Ditadura Militar, e mediante a isso as salas de aula era um dos principais espaços de controle e disciplina para a produção da ideia conhecimento daquele momento.

O período que as professoras constroem suas lembranças registram o momento histórico em que o Brasil estava vivenciando na época, a Ditadura Militar. As punições faziam parte da pratica educativa, como forma de docilizar os corpos, como afirma Foucault (2012):

O corpo entra numa maquinaria de poder [...], ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitado, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2012, p. 133)

A “*política das coerções*” que Foucault (2012) vai chamar a atenção para controle dos corpos através das disciplinas é a política em que os corpos tem algum modelo de controle disciplinar a seguirem, com base em determinados padrões de comportamentos. Deste modo, no período da Ditadura Militar era comum professores cobrarem de seus alunos uma postura disciplinar na sala de aula que era interpretada como forma de respeito, e principalmente nos momentos que se fazia referência aos hinos que eram entoados nos dias comuns, ou nas festividades, como lembra a professora Maria da Guia (2016):

Respeitava muito os dias feriados, aliás era as datas comemorativas, então isso era muito visado, dia da pátria, do hino nacional, vamos saber o porquê daquela homenagem, era uma coisas assim muito precisa, é bem identificado a cada aluno pra que aquela data, era bem respeitado aquela data, era festivo, era de lazer. (Maria da Guia, 2016)

As festividades se constituíam um dos fatores mais recorrentes naquele período e os dias feriados eram dias de exaltação a pátria, como também narra a professora Maria das Graças (2016):

O astiamento da bandeira era obrigado, a gente tinha que saber o Hino da Cidade, primeiro o Hino Nacional, depois astiar a bandeira da Paraíba, toda sete da manhã, cantando” João Pessoa, João Pessoa, filho ilustre, terêê..., filho ilustre”, [...] Então tinha primeiro o Hino Nacional, depois o Hino da cidade de João Pessoa, e terceiro “Meu sublime torrão”, era obrigado de 6 as 7 (turno da manhã) tinha que cantar esses três hinos [...]. (Maria das Graças, 2016)

A partir dessas narrativas, percebemos como a percepção da subjetividade é construída em relação suas memórias do passado, os fios que conduzem suas lembranças são lembradas de imediato pelo indivíduo em comum, a professora. É interessante perceber que cada professora tem através da identidade de si representações particulares em práticas na sala de aula e como alunas, as professoras Maria da Guia e Maria das Graças, revivem esse passado pelas astúcias da história vivida.

Mediante a pergunta que faz referência a experiência da docência na representatividade na história de sua vida, a professora Maria da Guia responde do seguinte modo:

Foi uma lição de vida, uma experiência muito grande, possa ser que os colegas acha até uma hipocrisia, mas eu amo, tenho meus alunos como filho meu, foi uma profissão que eu sou realizada mesmo com esse salário, mas eu sou realizada pela escolha da profissão, pela disciplina também, eu sou porque, porque hoje pela aquele esforço mesmo pequeno ou abrangente representou e representa para mim uma forma gratificante, por que eu vejo meus alunos hoje sendo professor na minha escola, eu vejo alunos meu médico, vejo aluno meu fisioterapeuta[...]. (Maria da Guia, 2016)

Através da fala da professora Maria da Guia percebemos o quão significativo foi a escolha da profissão em sua realização de vida pessoal, pois ao ver seus alunos seguindo a escolha de diversas profissões ela se ver como agente responsável na construção do conhecimento que de modo direto ou indireto teve a sua contribuição como docente. A representatividade da docência é além das proporções da sala de aula, é a sensação do prazer que não tem valor.

A professora Maria das Graças afirma que “ser docente é tudo, olhe, eu amo História, eu respiro História, eu almoço História, eu janto História.” Pois, para a mesma não é possível separar a vida profissional da Vida pessoal, se coincidentemente o conhecimento que ela provoca em sala para seus alunos também se faz atuante nos processos históricos em que presencia como professora de História.

A representatividade da docência nestas histórias de vida, marcam momentos em que o conhecimento se faz entrelaçado com o sentimento. É saber que as formas de atuação em sala de aula convida a caminhar por passos não imaginados. As imagens a seguir foram registradas em aulas de campos, e por meio disto podemos perceber como os corpos se posicionam, em momentos de satisfação e interação, representando a relação entre docente e alunos.

Exercer a profissão docente é de modo simples assemelhar-se a uma viajante que trilha para si uma rota mas em cada uma de suas viagens tem o prazer de experimentar outros caminhos com a sede de dar passos em outros horizontes, em busca de outras descobertas que enriqueceram sua viagem, que oferecem vidas aos passos que vão moldando os espaços vivenciados.

Ser professora está baseada em uma perspectiva que ultrapassa os limites de sua representatividade, é poder se moldar as situações do momento e vivências por meio seu conhecimento, sentimento e experiência de vida, é fazer de si, da sua auto imagem o que um dia foi elaborado em sonhos, a intimidade desses sonhos que faz construído através das ações e práticas. É ser aquilo que não está proposto no currículo oficial, é ser aquilo que a alma pode se doar.

As lembranças são marcadas por fortes momentos em que as sensações se fazem múltiplas. São momentos que não há como ser apenas profissional, o processo cognitivo-afetivo em determinadas oportunidades se torna atuante no espaço da sala de aula. E é por meio disto, que muitas das lembranças que temos são registrados em nossas mentes por revelarem muito mais que simples momentos, mas as sensações dada pelas suas representatividades. Ser professora é esta diante de lembranças que podem simplesmente desaparecer do gaveteiro de memórias e se fazer reconstruído quando despertados.

“A elaboração de memórias de professores justifica-se pelo seu caráter simbólico imaginativo dos saberes sociais que se fazem presente na representação da docência.” (BASTOS, 2003, p. 168). As memórias de professoras são arquivos de grande valor para se pensar a construção da escola em si, como também as mudanças e transformações que foram possíveis de acontecer no aprendizado, nas relações docentes e discentes, os modos de vivenciar as festividades e práticas educativas.

E é por meio desses testemunhos de vidas que é possível eternizar as memórias dos cotidianos que eram inventados nas salas de aulas, revelando que a sala de aula pode ser observada e interpretada através de várias lentes, que as memórias também são registros que nunca se desativam mas pelo contrário, em determinadas situações se tomam rememoráveis, pois “o relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz. Pode-se compreendê-lo ao entrar na dança.” (CERTEAU, 2008, p. 156)

Por meio disto temos o tempo como aliado da memória e da história, podemos dizer que os sonhos das professoras Maria da Guia e Maria das Graças quando meninas se tornaram

desejos de mulher, quando em algum dia quando crianças e adolescentes tiveram a oportunidade de vivenciarem momentos como alunas, décadas depois, optaram pela escolha de serem portadoras do conhecimento, se tornaram docentes.

Portanto, é nas narrativas das experiências vividas destas docentes que o passado se faz presente, fascinando aqueles que ouvem, revivendo aquele filme das trajetórias de vidas que não volta mais, mas vai colorindo as lembranças do passado com um valor raro, tornando cada momento de recordação único.

Conclusão

É por meio das experiências profissionais que muitos saberes sociais são adquiridos com base na afetividade que é adquirido no processo de construção simbólica. O sentimento se faz presente no método que desencadeia as representações que a docência abarca em sua linha de conhecimento, podendo ser justificado através das histórias de vida docente. Podemos imaginar que as recordações em nossa memória, ora se fazem presentes pelas maneiras repetitivas a qual aconteceram em nosso passado, ora são lembradas de acordo com as impulsões sentimentais das ações e sensações que vivenciamos diretamente.

O que ambas as professoras entrevistadas para esta pesquisa tem em comum? A escolha de um caminho em que não optaram em regressar. Buscaram narrar suas lembranças para não serem esquecidas. Narraram suas memórias para contar- se. Dando significados as suas práticas e formas de agir e sentir nas vivencias das suas histórias de vida.

Se tornaram professoras, porque foram desafiadas por optarem pela docência, em que essa vontade era sempre desejada. As práticas docentes exercidas por elas comprovam que a cada dia, na sala de aula era possível se reinventar e se eternizar nas lembranças de seus alunos.

Em acordo com Bastos (2003):

As vivencias de um professor, ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas historicamente na perspectiva de construção de um tempo presente. O prazer em revelar as inúmeras vivencias, de contextualiza- lás na busca de reflexão e da crítica, de valoriza- lás diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafio epistemológicos do trabalho docente, em que as motivações da vida estão intimamente ligadas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o *eu*. (BASTOS, 2003, p. 167)

Através dos saberes compartilhados e das histórias de vidas, destas docentes, podemos compreender como a construção de si veio a ser narrada por meio dos sonhos e encantos, que foram desejados em algum momento da escolha profissional. A experiência docente foi a realização de exercer práticas de ensino profissional, com o intuito de construir uma caminhada de vivências realizadas no sentir dos saberes das marcas que ficam registradas em histórias de vidas tecidas através do laços, difíceis de romper-se.

Em 25 anos de profissão existem muitas histórias para contar, o sentimento de fortes lembranças dos tempos de escola se fazem presentes no enredos de suas vidas. Ao experimentarem a vivência docente, as práticas foram se intensificando e se fortalecendo em seus lugares de atuação. Deste modo, poderiam ser histórias de vidas simples, poderiam ser narrativas de mulheres simples, mas não são, porque são histórias de vida de professoras.

Referências

BASTOS, Maria Helena Camara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. IN: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.). Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez, 2003.

BRUSCHIN, Maria Cristina Aranha. TRABALHO E GÊNERO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.